

CURSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS

DE NÍVEL B 3 DE ASSISTENTES FAMILIARES

E DE APOIO À COMUNIDADE

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO

Anne Marie Delettrez

Abril 2006

Índice

Introdução

Apresentação do relatório da avaliação

A metodologia de avaliação externa

Apresentação do plano

Relatório

1. A formação de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade responde a várias necessidades
2. Apresentação das formandas
3. A formação em sala
 - 3.1. Inovações nos cursos EFA
 - 3.2. O processo de Reconhecimento e Validação de Competências
 - 3.3. Os conteúdos da formação em sala
 - 3.4. Uma metodologia participativa
 - 3.5. Uma metodologia de transversalização em ao contexto do bairro: o tema de vida
 - 3.6. Um processo de avaliação contínua
4. A formação em contexto real de trabalho
 - 4.1. Os estágios
 - 4.2. A evolução das formandas em contexto real de trabalho
5. Outras actividades
6. Avaliação dos progressos e das aprendizagens
 - 6.1. Perspectivas pessoais, sociais e profissionais
 - 6.2. Avaliação das formandas
 - 6.3. Avaliação dos/as formadores/as
 - 6.4. Conclusão
7. A gestão pedagógica do Curso
 - 7.1. O papel da mediadora
 - 7.2. O papel da equipa pedagógica
A interligação – trabalho complementar dos/as formadores/as com a mediação
 - 7.3. A relação pedagógica: O/a professor/a / o/a formador/a
 - 7.4. Organização da formação
Os instrumentos da formação

Conclusão

Recomendações

INTRODUÇÃO

Este documento apresenta a avaliação do Curso de Educação e Formação de Adultos (EFA) de nível B3 (equivalência ao 9º ano) na área profissional: Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade (Nível II).

O curso tem por finalidade: “Formar pessoas, de acordo com o referencial de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade, que assegurem um acompanhamento adequado a doentes, famílias e à comunidade, numa lógica de participação activa que promova a melhoria das condições de vida da população e minimize as dinâmicas de exclusão e estigmatização¹”... e, para as “3ª e 4ª fases, Estágio e Empregabilidade, conforme os objectivos da metodologia “emprego apoiado” em que se dá grande enfoque na formação em posto de trabalho através do acompanhamento”.

Este curso foi concebido para formar mulheres jovens do bairro do Alto da Cova da Moura ou de bairros próximos que, muitas vezes, assumem serviços de proximidade, com ou sem remuneração, sem a formação básica adequada. De acordo com o referencial de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade, teve por objectivos dar uma formação que lhes permita “um acompanhamento adequado a doentes, famílias e à comunidade, numa lógica de participação activa que promova a melhoria das condições de vida da população e minimize as dinâmicas de exclusão e estigmatização”².

Desenvolveu-se ao longo de 21 meses, de Agosto 2003 a Abril 2005, com uma duração total de 2.574 horas³. Em 2003 as formandas fizeram o processo de Reconhecimento e Validação de Competências e concluíram o módulo “Aprender com Autonomia”. Em alternância, iniciaram os restantes módulos de Formação Base e Profissionalizante. Em 2004 foram desenvolvidos e terminados os diferentes módulos de formação de base e profissionalizante e os estágios se iniciaram, [tendo terminado em Abril 2005](#)⁴.

A avaliação contínua foi planeada, organizada e implementada, de modo a envolver os/as formadores/as, as formandas individualmente e colectivamente e a equipa pedagógica. Foram utilizadas várias metodologias – e correspondentes instrumentos – de avaliação:

- A avaliação formativa das formandas,
- A avaliação mensal das formandas acerca da organização e realização do curso,
- A auto-avaliação quinzenal das formandas,
- A avaliação mensal dos/as formadores/as,
- As avaliações intermédia e final,
- As reuniões mensais da equipa pedagógica.

¹ Formulário de candidatura à Câmara Municipal da Amadora (2003)

² Formulário de Candidatura à Câmara Municipal da Amadora (2003)

³ [Algumas formandas tiveram oportunidade de continuar o estágio mais 3 a 4 meses.](#)

⁴ [Excepto para 3 formandas que foram convidadas a continuar o estágio.](#)

A avaliação externa teve por objectivos⁵:

- Ajudar no processo de regulação das práticas,
- Apoiar as formandas ao longo do processo formativo,
- [Apoiar as mediadoras ao longo do Curso.](#)

A avaliação externa foi concebida para ser contínua e permitir um acompanhamento do processo de formação. O processo de avaliação externa desenrolou-se paralelamente à formação, em estreita ligação com a mediadora do curso, os /as formadores/as e as formandas, acompanhando directamente as actividades de formação através de observações de sessões de formação e participação nas reuniões da equipa pedagógica.

De um ponto de vista metodológico, a realização desta avaliação externa implementou a concretização de diversas actividades:

1. A análise documental da memória escrita do curso, em particular os documentos de descrição do curso, o relatório do curso 2003 [e do Processo de Reconhecimento e Validação de Competências](#), os currículos, os contratos, os calendários, os instrumentos de avaliação, as actas das reuniões da equipa pedagógica, os planos de sessão, o plano pedagógico do tema de vida, [as avaliações dos programas individuais de formação no estágio](#).
2. A observação⁶ das actividades formativas com, para a maioria dos módulos, 3 observações/formador(a) (no início, no meio e no fim da formação).
3. A participação em reuniões da equipa pedagógica.
4. Entrevistas e reuniões com as mediadoras⁷.
5. Reuniões finais com formadores/as⁸.
6. Almoços e intervalos com as formandas.
7. Participação em actividades extra-curso das formandas que incluíram a exposição de trabalhos e a venda de produtos feitos por elas.
8. [Entrevistas individuais e/ou colectivas às formandas no fim da formação em sala e após o estágio](#)⁹.

De acordo com o referencial do curso, este relatório aborda a avaliação da execução e dos resultados [do Curso](#), analisa as condições nas quais se efectuaram, e apresenta recomendações para o desenvolvimento de futuras acções. Inicia-se com as necessidades de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade que originaram o curso, apresenta as formandas, analisa as actividades de formação e de inserção profissional, avalia os progressos e as aprendizagens das formandas e o sistema implementado para a gestão do curso, para apresentar as conclusões e recomendações.

⁵ Cf. o contrato.

⁶ Para as observações das sessões de formação, foram utilizados os itens propostos pelo Curso, da ficha: “Formação de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade – Cursos de Educação e Formação de Adultos – Acompanhamento – Registo do Processo”. Ver Anexo nº 1 – Grelha de observações.

⁷ Ver Anexo nº 2 – Guião de entrevista à mediadora.

⁸ Ver Anexo nº 3 – Tópicos para reuniões com os/as formadores/as.

⁹ Ver Anexo nº 4 – Guião de entrevista às formandas.

1. A formação de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade responde a várias necessidades

No quadro das preocupações expressas no Plano Nacional de Emprego 2003-2006 pelo Ministério da Segurança Social e do Trabalho, a problemática da educação e formação foi objecto de uma directriz que visa responder à forte taxa de abandono escolar¹⁰ (45,4% em 2002) de uma população que entra precocemente no mercado de trabalho sem as qualificações mínimas e ao elevado número de jovens cuja taxa de desemprego se agravou nos últimos anos. Os cursos EFA são um elemento importante de uma estratégia que permite melhorar a qualidade da educação básica dos/as formandos/as, assegurando-lhes ao mesmo tempo uma formação profissionalizante.

A área escolhida pela Associação Cultural Moinho da Juventude (ACMJ) para o curso responde a outra preocupação expressa na directriz “Igualdade de Género”, na medida em que não só visa facilitar o acesso ao emprego de jovens mulheres desempregadas, como contribui à conciliação da vida profissional e pessoal pela qualificação de pessoas que se irão disponibilizar para serviços de cuidados a crianças e outras pessoas dependentes. Pretende-se igualmente uma revalorização deste tipo de serviço [efectuado maioritariamente por mulheres](#).

Vários levantamentos feitos pela Associação revelam, por um lado o número importante de jovens mulheres com baixas habilitações escolares e qualificações com dificuldades no acesso ao mercado de trabalho, e, por outro lado as fortes necessidades do bairro e dos bairros vizinhos de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade. [Este Curso](#) situa-se numa das preocupações da Associação de privilegiar as respostas às necessidades dos bairros com as pessoas que lá vivem e a escolha de um curso EFA enquadra-se nas traves mestras da Associação que privilegiam a participação activa e a responsabilização das formandas no seu ambiente de vida.

2. Apresentação das formandas

O curso iniciou em Agosto de 2003 com 12 formandas. No entanto, por razões várias, 3 formandas desistiram durante os primeiros 6 meses¹¹ e em Janeiro 2004 estavam 9 formandas que se mantiveram até ao fim.

As formandas tinham entre 18 e 31 anos – a idade média no grupo era de 24 anos. Deixaram de estudar há vários anos, algumas em Cabo Verde. “Diziam que tinham tido muitos problemas na escola” comentava uma formadora¹². Elas tinham entre o 6º ano e o 8º ano de escolaridade.

Uma jovem solteira, sem filhos, vive com os pais. As outras vivem com 1 a 5 filhos e, geralmente, com um cônjuge. Moram no Bairro da Cova da Moura ou em bairros limítrofes.

¹⁰ Em referência à população de 18 a 24 anos.

¹¹ Duas delas por razões de mudança, uma para o Algarve, outra para França.

¹² Entrevistada em 4/2/05.

“Têm experiências de vida diversificadas, tendo sido confrontadas com situações muito problemáticas e marcantes”¹³ que influenciam o seu comportamento no dia a dia.

As formandas estavam desempregadas ou com empregos precários. Todas tiveram experiências de trabalhos pouco qualificados, mal pagos, às vezes dificilmente compatíveis com as suas responsabilidades familiares¹⁴.

Felizes com a oportunidade de poderem estudar, elas exprimiam uma grande vontade de superar as suas dificuldades a fim de assumir esta formação até ao fim e de aceder a uma profissão condigna e que lhes interessasse: “*Estamos a recuperar o tempo perdido*”.

No início do ano 2004, as formandas tinham terminado o seu portfólio e o processo de RVC e estavam muito motivadas para a continuação da formação - motivação que se manteve ao longo do curso. “*Há 15 anos que deixei a escola. Estou a gostar de tudo. As coisas vêm agora a reavivar a memória*”¹⁵.

Estas mulheres foram confrontadas desde pequenas com problemas de violência na sua vida quotidiana, com promiscuidade, com problemas de alimentação, saúde, escola ou trabalho da sua família, dos vizinhos, moradores do seu bairro. Tiveram vários sonhos e grandes frustrações. Vivem no quotidiano as provocações da droga, do dinheiro fácil. Vivem a competição pela ostentação de consumo, pela competição em muitas esferas da sua vida pessoal e profissional. Os programas de televisão que vêem, as informações dos jornais que lêem não contribuem para mostrar-lhes outros caminhos. Lutam pela sua existência, o seu reconhecimento, o seu estatuto. Vivem num ambiente de situações conflituosas que se repercutiram sobre a sua atitude no grupo durante a formação. Ao mesmo tempo, receberam valores de amizade, de solidariedade, de partilha.

3. O processo de Reconhecimento e Validação de Competências e as actividades de formação em sala

Ao longo do ano 2004 decorreu simultaneamente a formação de base e a formação profissionalizante, tendo-se **iniciada a formação em contexto real de trabalho** em Dezembro 2004 à razão de 2 dias por semana.

3.1. Inovações nos cursos EFA

Para facilitar a análise, apresentamos a seguir algumas inovações mais relevantes para este curso, comparativamente à formação profissional tradicional.

O modelo dos cursos EFA é baseado nas competências. Entende-se por competência “capacidade de conseguir **agir e reagir perante as situações**... implicando o aprender a

¹³ “Projecto Interligar – Curso de Assistentes Familiares e de Apoio à comunidade – Processo de Reconhecimento e Validação de Competências – Relatório final”.

¹⁴ Trabalharam em pizzarias, restaurantes, lojas, nas limpezas ou como empregadas domésticas, e também com crianças ou idosos.

¹⁵ Uma formanda, Junho 2004.

aprender nas suas quatro vertentes: **aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a fazer**¹⁶”.

Ao longo de todo o processo de formação devem ser questionadas as competências que vão sendo adquiridas – ou não – pelas formandas. O acompanhamento da aquisição das competências é feito através de critérios de evidência – “indicadores de objectivos a desenvolver em termos de processo formativo”.

As actividades a realizar devem ser organizadas em torno de uma questão geradora, o “tema de vida” e dos problemas significativos levantados pelas formandas dentro deste tema. Os conteúdos da formação precisam de ser adaptados à actividade integradora.

A avaliação dos critérios de evidência deve ser feita, na formação de base, a partir do nível de cada uma das competências validadas, processual e orientadora, através de estratégias participativas, reflexivas e construtivas (entrevistas informais, observação e análise dos trabalhos produzidos, registos e anotações constantes, criação de momentos de diálogo).

Paralelamente à aquisição da competência do referencial chave, é valorizada a aquisição de outras competências, a nível de comportamentos, atitudes, pesquisa, conhecimentos, técnicas, destrezas, adaptabilidade, comunicação...

Toda a equipa de formação deve trabalhar em estreita coordenação e articulação a fim de desenvolver progressivamente e em complementaridade as competências, na base dos critérios de evidência previamente definidos, numa perspectiva integradora.

Nestes cursos, a pessoa ocupa um papel central, sendo-lhe pedida a mobilização e combinação de conhecimentos, atitudes e procedimentos pessoais no seu contexto, o que só é possível com a participação activa dos/as formandos/as, num processo constante de autonomização em todos os aspectos da sua vida.

3.2. O processo de Reconhecimento e Validação de Competências

Com o objectivo de fazer o levantamento das aprendizagens relevantes realizadas pelo adulto no seu percurso de vida, o “Eixo de validação de Competências é o processo de identificação pessoal das competências previamente adquiridas e que se consubstancia no conjunto de actividades, assentes numa lógica de balanço de competências, utilizando para o efeito uma diversidade de instrumentos que permitem ao adulto ocasiões de reflexão e avaliação das suas experiências de vida e profissional¹⁷”.

Para completar o relatório específico feito pela mediadora, as entrevistas finais às formandas integraram o seu balanço sobre o processo de reconhecimento e validação de competências.

O Balanço de Competências foi organizado sob a forma de um processo de descoberta. Constitui um momento forte e marcante para as formandas. Os seus resultados foram gratificantes.

¹⁶ Referencial de Competências Chave, Educação e Formação de Adultos, ANEFA, Maio 2001.

¹⁷ Portaria nº 1082-A/2001 de 5 de Setembro.

No entanto, a sua realização não foi pacífica. A confrontação com o seu passado obrigou-as a reviver situações dolorosas que algumas não queriam abordar, tendo tido dificuldade em “*Mexer em coisas que não me queria lembrar*” como dizia uma delas. No dizer de todas as formandas entrevistadas, lhes deu possibilidade de encarar o passado “*Falei do passado, da infância, sobre os quais não conseguia falar*”, “*Aprendi a mexer no passado*”, “*Aprendi a me analisar*”. No fim, reconheceram que processo de recuo sobre a sua experiência de vida as ajudou a readquirir confiança nelas para puderem encarar o futuro com mais optimismo. “*Agora consigo falar mais abertamente com as pessoas*”.

Valorizaram experiências adquiridas, conhecimentos e saberes fazer e saber ser. “*Com o apoio de colegas e formadores, cheguei à conclusão que sou capaz de fazer muita coisa*”. Permitted-lhes reconhecer aspectos que “*não pensava que eu sabia fazer*” e despoletar a sua vontade de aprender. Realizaram que estavam a voltar a estudar, e fizeram-no com prazer, sendo assim uma preparação para a formação. “*É como se tivesse acordado na escola depois de muito tempo*”. Porque este processo foi colectivo, iniciaram a formação já como grupo “*Falávamos umas com as outras, nos conhecemos*”.

Apesar das dificuldades iniciais, valorizaram o seu portfólio além das expectativas, e este processo, além de lhes facilitar a entrada na formação, também lhes ajudou na sua vida pessoal e em particular nas suas relações com a família, na sua vida social e na sua vida profissional.

Os resultados alcançados deram a algumas formandas possibilidades de equivalência. Apesar de algumas estarem dispensadas de certas matérias, todas quiseram participar em todos os módulos da formação, fazendo a revisão e consolidação das respectivas matérias.

Todo este processo e em particular a elaboração do portfólio foi reconhecido quer pela mediadora, quer pelas formandas, como uma importante fase de preparação para o Curso, quer a nível pessoal, quer colectivo. Para este resultado foram necessárias uma adaptação e flexibilização da metodologia proposta pela manual e um acréscimo do número de horas previstas.

3.3. Os conteúdos da formação em sala

Este curso procura valorizar as aprendizagens formais, não-formais e informais das formandas, colmatar as suas lacunas e aumentar os seus conhecimentos. Teve a vantagem de beneficiar das suas experiências diversificadas incluindo no trabalho com crianças ou em lares de idosos.

Os conteúdos programáticos das áreas da formação de base são ambiciosos, pedindo o estudo de 3 anos em 21 meses¹⁸. Os/as formadores/as de Comunicação e Linguagem, Tecnologia de Informação e Comunicação, Língua Estrangeira (inglês) e Matemática para a Vida encontraram dificuldades diversas:

¹⁸ De Agosto 2003 a Abril 2005.

- Algumas mulheres não falam fluentemente português. Expressam-se em crioulo. As suas dificuldades na expressão oral multiplicavam-se na expressão escrita¹⁹.
- Algumas mulheres, na escola, aprenderam o francês. A aprendizagem do inglês foi para elas penoso, sendo necessário que a formadora retomasse todas as bases do inglês para elas.
- Os níveis de inglês e de matemática eram muito baixos. Foi necessário proceder à reapropriação de conhecimentos de base esquecidos, de forma sistemática e organizada a fim de se poder entrar nos conteúdos do curso.
- A motivação inicial para a matemática era nula. Faziam da matemática “um bicho de 7 cabeças”. Foi necessário fazê-las perder o medo, até que passaram a dizer “*Vou ser capaz, vou tentar*”.
- Nenhuma mulher tinha computador em casa, nem facilidade em treinar na Associação fora do horário da formação por causa das suas responsabilidades familiares. Quase todas estiveram a “descobrir” o computador e praticavam cerca de uma vez por semana, nas horas previstas do curso. O formador teria gostado de “puxar mais” para elas.

Em reunião, os/as formadores/as analisaram os programas propostos, em particular nos TIC, onde o formador considerou a lista programática pouca clara e com saltos e no inglês onde foi proposto que, para ter a consolidação desejável os conteúdos fossem diminuídos a fim de aprofundar os de maior utilidade. Não foi o caso da matemática cujo programa tem os conteúdos principais de cada ano²⁰.

Por causa da grande diversidade de conhecimentos das formandas, a maioria dos/as formadores/as adaptaram os conteúdos, em particular na formação de base, ao nível do grupo e às suas perspectivas de trabalhos futuros, valorizando alguns em detrimento de outros a fim de ter a consolidação desejável no tempo muito limitado²¹.

Os/as formadores/as encontraram formas de motivar as formandas que sentiam mais dificuldades, sem desencorajar as outras, nomeadamente tornando conscientes os seus progressos. Procuraram adaptar-se ao seu ritmo, com o seu apoio. Por exemplo, em matemática, elas chamavam a atenção da formadora quando notavam dificuldades: “*Espera um bocadinho porque a X. não está a perceber*”.

Foram também organizadas sessões para “tirar dúvidas” e responsabilizadas formandas para ajudar colegas com mais dificuldades. Uma formadora ofereceu horas suplementares a algumas formandas mais necessitadas, em trabalho voluntário.

De maneira geral, relativamente aos conteúdos programáticos propostos, os/as formadores/as assinalaram que a duração prevista deveria ser alargada na formação de base e introduzida uma certa flexibilidade de tempo em temas onde não há critérios de evidência, porque “os métodos demonstrativos e activos necessitam de muito tempo”.

¹⁹ Uma mediadora notava que as mulheres que chegaram a Portugal após a sua escolaridade tinham mais dificuldades.

²⁰ Neste caso, a dificuldade foi de não se poder aprofundar mais para uma formanda que desejava, a seguir, voltar a estudar para ter o 12º ano.

²¹ 100 horas de inglês por exemplo.

Em reuniões, alguns/mas formadores/as exprimiram as suas dificuldades ligadas aos critérios de evidência:

- Foi discutida a pertinência de critérios de evidência individualizados quando a metodologia é direccionada para formandas integradas num grupo. Uma vez que os critérios de evidência definidos para a formação de base são o suporte para a definição de objectivos de uma sessão, foi proposto que estes sejam suficientemente amplos para o grupo, devendo o/a formador/a verificar com a avaliação se atingiu o seu objectivo.
- Alguns critérios foram considerados vagos ou subjectivos²².
- Na falta inicial de critérios de evidência para o inglês, foi feito um trabalho ligado às necessidades das formandas. Mais tarde, a Direcção Geral de Formação Vocacional forneceu critérios analisados como muito mais ambiciosos, considerando-se que alguns são de utilidade questionável. Neste caso a formadora optou por uma selecção dos mais importantes e um tratamento superficial dos restantes.
- Em matemática, os critérios de evidência foram considerados um referencial para a formadora se orientar.

De maneira geral, foi na ligação entre competências, critérios de evidência e tema de vida que os/as formadores/as mostraram ter tido mais dificuldades – aspecto que abordaremos com o tratamento do tema de vida.

Constatou-se que para desenvolver a sua actividade, foi necessário aos/às formadores/as uma grande capacidade de adaptação, flexibilidade e disponibilidade ao longo da formação, paciência e determinação – qualidades reconhecidas e elogiadas pelas formandas nas suas avaliações.

A existência de critérios de evidência obrigou-os/as a procurar trabalhar os 4 saberes, facilitando a passagem de uma aprendizagem de conhecimentos a uma aprendizagem activa, com a mobilização das capacidades das formandas. A condição para esta aprendizagem é a utilização de uma metodologia participativa.

3.4. Uma metodologia participativa

Os/as formadores/as privilegiaram as metodologias que suscitam uma participação responsável e activa das formandas a vários níveis:

- Responsabilização das formandas pelas suas condições de trabalho (a sala e o material pedagógico).
- Participação nas actividades da formação.
- Participação em actividades pluridisciplinares em ligação ao tema de vida.
- Participação em actividades da Associação.

Em todos os módulos os/as formadores/as tiveram a preocupação de recorrer a metodologias activas e em reunião a equipa decidiu recorrer à “imaginação criativa” para que todos/as utilizassem técnicas adequadas. Os/as formadores/as organizaram: trabalhos individuais e de grupo, jogos de papéis, simulações, chuvas de ideias, jogos diversos conhecidos ou inventados pelos/as formadores/as, visitas de estudo, assim como actividades práticas como por exemplo inquéritos, confecção de alimentos, uma

²² Na Cidadania e Empregabilidade.

peça de teatro “A aldeia dos doces”, uma campanha de sensibilização no bairro, comunicados para a imprensa, cartas pedindo patrocínios, cartazes.

Também experimentaram a ideia de ser a formanda a preparar um jogo pedagógico, com o apoio do/a formador/a.

Várias visitas de estudo foram planeadas. Com o apoio dos/as formadores/as, as formandas prepararam grelhas de observação e de entrevistas e no fim, após a sua análise, elaboraram relatórios a fim de sistematizar a informação recebida.

Para reforçar a coesão do grupo, os/as formadores/as organizaram jogos de grupo, ginástica, idas ao cinema e passeios.

O visionamento de vídeo e as leituras de documentos acompanhadas de perguntas apoiaram as metodologias expositivas.

As formandas foram responsabilizadas pela redacção de textos: textos de relatos de visita ou para cartazes, o que lhes permitiu treinar a expressão escrita. Tornou-se muito mais exigente para o/a formador/a que devia explicar de forma personalizada cada erro.

Quebrou-se assim o ritmo monótono da escola tradicional para apostar numa formação de adultos que utiliza os saberes das formandas através da sua interacção na formação.

Os/as formadores/as consideraram que esta metodologia permitiu que se estabelecesse uma boa relação com as formandas “*Foi muito enriquecedor, não me importava repetir*” dizia um deles. “*É um grupo com o qual aprendi muito. Houve uma proximidade muito grande. Choros e risos juntos*” dizia uma outra. Todos/as reconheceram que foi muito gratificante. A aproximação entre as formandas e os/as formadores/as levou a um envolvimento que provocou às vezes um certo desgaste emocional. Ocorreu por exemplo quando o bebé de uma das formandas esteve em perigo de vida.

Constatou-se que as metodologias activas permitiram também às formandas testar os seus conhecimentos. Por exemplo, durante uma visita uma formadora notou a direcção dos olhares, as perguntas, as reflexões das formandas: “*A visita serviu de confronto com a realidade, permitiu testar as suas aprendizagens*”.

Também as formandas valorizaram as metodologias activas que permitem “*brincar a aprender*”.

Diferenças de nível educativo, conflitos no grupo, problemas pessoais, problemas decorrentes da mudança de coordenadoras provocaram desmotivações. Os/as formadores/as tiveram de fazer um esforço permanente para manter o grupo coeso, para nenhuma desistir e para todas as formandas participarem activamente.

Notou-se também que os níveis de participação das formandas eram muito diferentes individualmente e colectivamente, consoante os/as formadores/as. Alguns/mas formadores/as tinham muita dificuldade em abdicar de metodologias principalmente expositivas. Porque um grupo de formandas estava mais participativa, o risco do/a

formador/a trabalhar mais com estas era permanente – e em certas áreas algumas formandas estavam pouco implicadas²³.

Para estes cursos, seria necessário que todos/as os/as formadores/as tivessem uma grande experiência de metodologias activas e de técnicas pedagógicas adequadas. As reuniões serviram de troca de ideias entre os membros da equipa pedagógica, no entanto a falta de experiência de alguns/algumas e as suas dificuldades em compreender a diferença entre as metodologias impediu que fosse plenamente utilizada neste domínio.

3.5. Uma metodologia de transversalização em ligação ao contexto do bairro: o “Tema de vida”

Através do tema de vida, os/as formadores/as trabalharam os módulos numa perspectiva integradora e ligada ao contexto de vida das formandas.

Escolheram dois temas para o ano 2004: a Saúde²⁴ durante o primeiro semestre e a Igualdade de Oportunidades no segundo.

Principalmente no primeiro, os/as formadores/as procuraram:

- Adaptar os seus conteúdos ao tema.
- Escolher actividades práticas que concretizavam os conteúdos.
- Estabelecer a ligação ao bairro onde vivem quase todas as formandas.
- Completar-se, numa óptica pluridisciplinar.

Todos/as formadores/as conseguiram introduzir o tema “Saúde” nos conteúdos dos módulos. Com vista a implementar actividades integradoras no contexto do bairro, várias actividades foram programadas, quer da iniciativa dos/as formadores/as, quer das formandas, quer propostas pela Associação. Estas actividades constituíram um motor da realização dos objectivos do curso.

Por exemplo, decidiu-se fazer um inquérito à população do Bairro Cova da Moura em ligação ao rastreio no âmbito do projecto IPIMIGRA do Instituto de Medicina Tropical cujos resultados foram divulgados através de folhetos. Os/as formadores/as organizaram uma campanha sobre a limpeza do bairro, utilizando o teatro de rua, pedindo à população participar na limpeza do bairro. Uma exposição de todos os trabalhos feitos sobre este tema de vida completou estas actividades.

A coordenação destas actividades fez-se de forma pluridisciplinar para redacção, realização, tratamento estatístico e análise de inquéritos, para a planificação e realização da campanha com debate sobre a saúde, para a produção de brochuras e convites do jornal de parede e do relatório final²⁵.

A campanha sobre a limpeza do Bairro foi considerada um sucesso. As pessoas do Bairro participaram directamente na limpeza com as formandas e formadores/as, ou emprestaram material para a limpeza, ou ofereceram bolos e bebidas²⁶. Durante vários

²³ Algumas formandas comentavam que, num dos módulos, “entramos mudas e saímos caladas”.

²⁴ Tema proposto por uma formanda.

²⁵ Houve várias outras actividades como visitas a instituições ligadas à saúde.

²⁶ O sucesso veio também do exterior: vieram equipas de 2 televisões e houve artigos em vários jornais.

dias, o bairro esteve mais limpo, sentindo-se que os habitantes estavam com mais cuidados.

As formandas envolveram-se no aprofundamento do conhecimento do bairro no aspecto da saúde dos seus habitantes e em actividades no bairro, com vista a estimular a participação activa da comunidade assim como na divulgação de resultados da sua formação através das informações sobre a saúde. Para elas foi um importante momento de emancipação pessoal e social. Ficaram felizes de terem sido capazes de levar todas as actividades até ao fim e de ver os resultados assim como as apreciações vindas do exterior. Para os/as formadores/as esta experiência tem sido valorizante.

Quando a equipa do projecto escolheu o tema de vida “Igualdade de Oportunidades”, detectou-se alguma falta de preparação de formadores/as sobre este tema e propôs-se uma preparação colectiva prévia que não se chegou a realizar. A falta de conhecimentos e de sensibilização ao tema prejudicou a introdução do tema nos conteúdos da maioria dos módulos²⁷. Quando era introduzido, foi de forma algo teórica, na linha utilizada pela mediadora que estava na altura. As mudanças de mediadoras²⁸ e a proximidade do fim do curso levaram ao esquecimento do tratamento deste tema de vida.

Na introdução dos temas de vida, dificuldades várias foram encontradas pelos/as formadores/as. Houve dificuldades na adaptação dos conteúdos do módulo e dos critérios de evidência ao tema de vida e na harmonização dos trabalhos a realizar com as formandas para as actividades programadas, na organização do módulo. Sentiram falta de tempo. No entanto, como dizia uma mediadora “É uma vantagem podermos trabalhar em articulação com outros projectos²⁹.”

De maneira geral, relativamente ao tema “Saúde”, houve um grande investimento dos/as formadores/as, mas a colaboração entre eles/elas ficou limitada. Fora das discussões durante as reuniões, houve comunicação entre alguns/algumas formadores/s que procuraram confrontar entre si a preparação do tema para não haver sobreposições, ou para organizar um trabalho complementar – como no caso dos inquéritos, entre 4 formadores/as.

Considerou-se difícil a gestão colectiva de um tema de vida a introduzir nos conteúdos do módulo, tendo em conta o ritmo das formandas e obrigando a uma certa “ginástica”. Mas na opinião de todos o resultado foi gratificante.

A introdução do tema de vida que, no caso deste curso, favorece a ligação ao contexto das formandas, exige um grande trabalho de preparação, planificação, coordenação, gestão e avaliação. O tema de vida deveria ser discutido mais profundamente entre os membros da equipa pedagógica previamente à formação para ser dinamizado em colaboração entre formadores/as. O/a formador/a deve assumir o tema de vida como linha de fundo dos conteúdos que irá trabalhar e harmonizar estes conteúdos e as metodologias que prevê implementar com os/as diferentes formadores/as. Pede aos/as formadores/as um estudo prévio do contexto das formandas. Obriga o/a formador/a a redefinir o seu plano de formação e, ao mesmo tempo, exige um intenso trabalho de

²⁷ Em reunião apresentou-se uma importante documentação da Associação, completada com material oferecido pela avaliadora, mas poucos foram os formadores/as que a eles recorreram.

²⁸ Uma mediadora ficou somente 3 meses devido a diferenças a nível de metodologias.

²⁹ Mediadora, Junho 2004.

equipa. É necessário que exista uma grande comunicação dentro da equipa, assim como flexibilidade e adaptabilidade. Pede disponibilidade para a preparação e a realização colectiva de actividades. É essencial a participação nas reuniões de formadores.

Se o tema de vida fosse analisado profundamente em reunião e dividido em 3 ou 4 aspectos, os/as formadores/as poderiam organizar-se em pequenos grupos para trabalhar estes aspectos. Nas reuniões da equipa, seria preparada a síntese e as actividades de conjunto. Uma organização mais flexível e mais pequena poderia facilitar a colaboração entre formadores sem prejudicar o trabalho da equipa.

3.6. Um processo de avaliação contínua

Além da utilização de metodologias activas que contribuiu para um acompanhamento contínuo das formandas pelos/as formadores/as, a avaliação do curso teve um carácter processual, efectuando-se em todos os momentos do percurso de formação e envolvendo todos os intervenientes (formandas, formadores/as, mediadoras e a Associação).

As formandas fizeram uma auto-avaliação escrita e oral mensal com base numa grelha de avaliação e em dinâmicas de grupo. As formandas reflectiram sobre as suas aprendizagens e a sua utilidade, deram a sua opinião acerca dos módulos e da actuação da mediadora. Reflectiram sobre as suas aprendizagens comportamentais e evolução no grupo. Deram a sua opinião sobre as alterações necessárias, as modificações que elas próprias podiam introduzir, e as sugestões e críticas relativamente a actividades que gostariam de desenvolver. Finalmente, avaliaram o seu desempenho segundo uma lista de critérios.

As mediadoras conduziram esta avaliação com bastante sucesso durante o 1º semestre até à mudança de mediadoras. Permitiu a todos, formandas e membros da equipa pedagógica, o acompanhamento do processo de formação.

Foi introduzida uma avaliação intermédia para os/as formadores/as fazerem a análise da situação individual de cada formanda no fim do 1º semestre. Os/as formadores/as tiveram alguma dificuldade em apresentá-la. Por ter sido feita por eles em momentos diferentes, era difícil utilizá-la.

Os/as formadores/as tinham também de preencher uma ficha de auto-avaliação mensal, sobre a receptividade das formandas aos temas, as metodologias que permitiram um salto qualitativo das formandas, a sua articulação com os/as restantes formadores/as, a avaliação do seu desempenho segundo uma grelha de critérios e as alterações a fazer, em geral e por ele/a próprio/a. Infelizmente, os/as formadores/as não trabalharam este instrumento, achando que tinha “burocracia a mais”. Teria sido um bom instrumento de reflexão para a preparação das reuniões da equipa em estreita ligação às situações de formação vividas.

Finalmente, nas agendas das reuniões sempre figurava como primeiro ponto a análise da situação da formação. Este momento era importante porque permitiu a todos os membros da equipa participar na avaliação, o que lhes ajudava a discutir as modificações a fazer.

O processo de avaliação contínua que envolveu todos/as os/as participantes tem sido muito interessante. Para próximos cursos, era necessário rever com os/as formadores/as os instrumentos a utilizar para que sejam mais operacionais – em particular a sua auto-avaliação - e que a avaliação contínua servisse de suporte às suas intervenções.

4. A formação em contexto real de trabalho

4.1. Os estágios

A formação em contexto real de trabalho visa completar e consolidar a formação adquirida em sala, sendo orientada e acompanhada pela Mediadora junto dos/as orientadores/as dos estágios. No estágio, as formandas devem por em prática o que aprenderam, fazendo a prova das suas aprendizagens ao longo da formação que vão consolidando e completando. Devem estabelecer relações de confiança, criar a sua imagem profissional e abrir portas para um trabalho futuro.

A partir de Outubro as formandas começaram a mostrar sinais de cansaço e manifestavam o seu desejo de iniciar o estágio o mais rapidamente possível. A mediadora fez várias reuniões com elas sobre as suas motivações para um estágio quer com crianças, quer com idosos, que abriria portas a um possível emprego. Procurou e encontrou locais que pudessem corresponder às suas expectativas e que estavam próximos do seu local de habitação³⁰. Na sua maioria, as formandas estavam entusiasmadas com as propostas.

As formandas esperaram com grande motivação esta fase que se iniciou em Dezembro 2004, a razão de 2 dias por semana, até todos os módulos terem terminado e a tempo inteiro a partir de Janeiro de 2005.

No início desta fase, as formandas pareciam descobrir que era possível ter um trabalho interessante. Nos intervalos da formação, falavam dos seus contactos com os idosos carentes de companhia que queriam estar com elas mais tempo, das suas emoções a ouvir contar histórias de vida, das relações com as crianças e com algumas mais difíceis, dos cuidados aos bebés, nas colegas de trabalho e nos compromissos. *“São mais ou menos idosos...Precisam de muito apoio...É muito emocionante.... Parecemos psicólogas. As colegas são muito boas. Não há fofoquices”*.

As formandas falavam então da sua pontualidade no local de estágio, algumas podendo chegar com 15 minutos ou mais adiantadas, e criticavam as colegas de trabalho que não eram pontuais. Algumas não se importavam com a hora de saída eventualmente mais tarde do que previsto – comportamentos que tinham sido trabalhados ao longo da formação.

4.2. A evolução das formandas em contexto real de trabalho

Em cada local de trabalho foi nomeada uma orientadora que definiu um programa com objectivos, estratégias/metodologias e recursos, indicou a equipa interveniente, estipulou as tarefas e os horários da formanda e apresentou avaliações mensalmente e

³⁰ Ver Anexo nº 5 – Locais de estágio.

no fim. A clareza das condições do estágio facilitou a relação entre a formanda, a mediadora e a responsável de estágio de cada instituição. “Foi importante a reunião mensal entre o formador em posto de trabalho e a mediadora para o bom decorrer do estágio”. Contribuiu para o interesse das formandas e para o seu sentido de responsabilidade.

1. O Desempenho

Foram relevantes na análise das responsáveis dos estágios a integração nas tarefas, a adaptação progressiva às regras do serviço, as competências teóricas e técnicas/práticas, o desempenho, a qualidade do trabalho, a iniciativa. Foi notado nas avaliações de algumas formandas que precisavam de tempo para se integrar nas equipas, nas tarefas ou nas rotinas diárias e alguma lentidão para a execução de tarefas. Uma vez a integração ser conseguida, o desempenho foi considerado bom e mesmo muito bom para algumas.

As formandas valorizaram a possibilidade de aplicar os saberes aprendidos na formação, de “pôr-se à prova”. Reconheceram que não foi fácil no início, apesar de, para a maioria, terem tido experiências profissionais anteriores.

O trabalho em lar foi considerado pesado por causa da rapidez com o qual deviam executar as tarefas “*O ritmo de trabalho era muito acelerado*”. Também sentiram falta de preparação sobre os idosos “*Acabei por ver coisas que não esperava, por exemplo a morte... (tive de) arranjar mortos, reanimar, dar medicamentos...*”. Alguns aspectos deste trabalho foram muito duros para elas.

Todas as formandas consideram que o estágio lhes permitiu praticar muito do que aprenderam no curso e aprofundar os temas “*Estou a por em prática aquilo que eu já aprendi*”. Uma delas conta mesmo que incitou as colegas a ter precauções de higiene complementares. Reencontraram muitos temas da formação, nomeadamente sobre higiene e saúde, trabalho com crianças, alimentação, segurança e outros que foram complementares a estes. Algumas tiveram a possibilidade de tomar iniciativas, por exemplo: pesquisas na Internet à procura de desenhos para pintar, fazer bolos, jardinagem.

Realizaram quanto foi útil a formação recebida “*Tenho tudo no dossier. Aprendi muito, nunca pensei*” e valorizam a possibilidade que tiveram de assumir responsabilidades.

2. O seu relacionamento e respectiva integração

Os aspectos mais relevantes para as orientadoras foram o relacionamento com utentes, colegas e direcção e a integração no grupo de trabalho, na equipa. O relacionamento foi considerado bom assim como a integração na equipa, podendo ser dificultado pelas faltas de algumas formandas. Foi notada a comunicação difícil de algumas formandas.

Para as formandas, as relações com as tutoras serviram de exemplo “*Gosto muito da tutora, pela sua humildade e compreensão das pessoas*” e a ACMJ marcava a sua presença, mesmo que discreta “*Não me lembro de dificuldade no estágio, ao contrário, porque senti muito apoio do Moinho*”.

O trabalho em lar foi gratificante pela relação que se estabeleceu com algumas idosas – uma delas ficou “avô” de uma formanda. No entanto, também foi considerado pesado, em particular com alguns homens³¹. Uma delas notou que ter-lhe-ia sido necessário aprender a psicologia do/a idoso/a no curso, a relação com os/as utentes, como também a relação entre colegas.

Com as crianças sentiram mais facilidade e maior preparação. Uma delas notava mesmo que pensava saber mais que as funcionárias “Não ousava mostrar o que sabia fazer para não fazer melhor que as outras”.

Reconhecem que a comunicação não foi sempre fácil porque “*Gostava mais de observar*” dizia uma formanda ou porque, dizia outra, “*Tinha vergonha de falar por causa do português*”.

3. O cumprimento das regras de assiduidade e pontualidade

Nas avaliações das responsáveis de estágio, se para algumas formandas foi relevante o bom desempenho a nível de assiduidade, pontualidade, apresentação pessoal e interesse pela actividade, para outras a questão da assiduidade suscitou vários reparos, o que prejudicou o trabalho e a imagem destas formandas junto das respectivas instituições. As faltas foram consideradas indicadores de imaturidade e irresponsabilidade.

Algumas formandas explicaram as suas dificuldades a este nível pela necessidade de conciliar vida familiar e profissional. As razões dos atrasos e das faltas foram geralmente por questões de saúde de familiares ou delas.

4. Em conclusão

O estágio foi tão bem sucedido para algumas estagiarias que, para 4 delas (verificar) foi-lhes pedido prolongá-lo durante 3 meses.

Notou-se, através das histórias contadas pelas formandas sobre o seu estágio, o valor das aprendizagens recebidas ao longo da formação, da metodologia utilizada, dos apontamentos e fichas nos seus dossiers. O estágio respondeu à preocupação de consolidação e aprofundamento teórico/prático.

Sentiu-se a falta de formação nalguns aspectos como das relações de género – que devia ser um tema de vida - e da relação com o/a idoso/a.

Poder-se-à questionar a possibilidade de dividir o estágio em 2 partes: durante 1 mês situado antes do fim do curso, as formandas poderiam, através de uma prática, avaliar as suas competências e notar as suas falhas que, com a ajuda dos/as formadores/as, poderiam ser colmatadas. Um estágio final de 3 meses permitiria a consolidação das aprendizagens, oferecendo perspectivas de profissionalização e emprego.

³¹ Algumas provocações ouvidas surpreenderam uma formanda. Um choque foi vivido quando se tratou de ajudar na higiene pessoal de um idoso, tanto para a formanda como para o idoso.

5. Outras actividades

Além da análise feita pelas formandas a Associação Cultural Moinho da Juventude e a alguns dos seus projectos através de visitas e inquéritos, ao longo do ano as formandas estiveram activamente presentes em várias actividades promovidas pela ACMJ:

- Com a intenção de fazer uma viagem de estudo, fabricaram produtos para vender (flores de papel e comida). Organizaram-se para ter bancas na Festa do 25 de Abril³² e na celebração do mês “Africa em Lisboa” em Maio onde vendiam os seus produtos para a angariação de fundos,
- Participaram igualmente nas actividades ligadas à Associação nas quais fizeram a exposição dos seus trabalhos:
 - o A Kola de San Jon, festa que reforça os laços com os valores dos seus antecessores,
 - o A Festa de Aniversário do Moinho,
 - o Excursões e convívios.

Estas actividades, em particular a Kola de San Jon, reforçam os laços com os valores dos seus antecessores.

6. Avaliação dos progressos e das aprendizagens

6.1. Perspectivas pessoais, sociais e profissionais

No decorrer do processo de Reconhecimento e Validação de Competências, as formandas identificaram expectativas a 3 níveis:

1. Na vida pessoal:
Ultrapassar as dificuldades, Ter mais força de vontade, Ser mais responsável, Ajudar a cuidar de mim mesma e crescer interiormente, Fazer o que gosto, Ser persistente, Voltar a aprender, Ser construtiva – deixar o passado e enfrentar o futuro.
2. Na vida social:
Aprender com os outros, Passar a mensagem do que se aprendeu, Ganhar o respeito dos outros, Ajudar os que precisam, Aprender a lidar melhor com as pessoas e ser mais paciente, Conviver novamente e fazer amizades novas, Ter maior estabilidade familiar.
3. Na vida profissional:
Oportunidade de trabalhar na área de apoio familiar e domiciliário, Mais e melhores oportunidades de trabalho, Maior nível de escolaridade – equivalência ao 9º Ano, Sentir-me preparada para trabalhar na área de Apoio Familiar e à Comunidade, Maior estabilidade de vida.

³² Com uma banca “Crescer com dignidade”.

É um exercício interessante que remete às 4 aprendizagens consideradas nos objectivos deste curso (Aprender a ser, Aprender a aprender, Aprender a estar, Aprender a fazer) e de facto pode ser considerado a base de partida para o trabalho feito com as formandas. Ultrapassa o âmbito dos critérios de evidência propostos – nomeadamente os de Cidadania e Empregabilidade – trazendo o envolvimento das formandas a nível pessoal, familiar, social e profissional, integrado no seu ambiente de vida.

Os conteúdos encontram-se reflectidos na ficha de auto-avaliação mensal que preencheram as formandas. Foram retomados, mesmo que não sistematicamente, pelas mediadoras nas suas intervenções junto delas.

6.2. Avaliação das formandas³³

Notou-se que as formandas chegaram ao Curso com vontade de aprender, de saber mais para atingir um objectivo específico.

A bolsa teve um papel decisivo: permitiu a estas 9 mulheres de ficar em formação durante 21 meses graças à estabilidade financeira que lhes foi oferecida. Foi trabalhada a gestão do tempo pago por vários/as formadores/as. Foram discutidos os descontos por ausências e atrasos.

Ao longo do curso, passaram a querer saber por saber. *“Nunca é tarde para aprender”, e para ajudar os seus filhos “quero falar português para os meus filhos aprenderem o bom português e que ninguém olhe para eles pelo torto”. Despertou o seu interesse em aspectos que não se costuma valorizar “Descobri coisas às quais não dava importância”.*

Analysaram os seus processos de aprendizagem. *“Aprendi com os meus erros”, as suas dificuldades, os seus progressos.* Algumas evidenciaram-se pela vontade de ultrapassar todos os obstáculos *“Temos de conseguir 100% dos objectivos”.*

Estão conscientes dos progressos feitos para o seu futuro profissional, como se notou na avaliação dos estágios *“No fim desta formação sabe-se como se deve trabalhar com crianças, os cuidados a ter”.* Valorizaram os estudos que facilitarão a sua vida profissional. Para elas foi bom estar no curso *“Para ter o 9º ano e arranjar um emprego”.* Mas sabem que não é por isso fácil o caminho a percorrer *“Em termos profissionais, não me sinto melhor porque a situação é difícil. Não vale a pena estudar mais porque não encontro o que quero”.*

As formandas ficaram conscientes das repercussões da formação sobre a sua vida social e privada. Descobriram a importância de mudança de atitudes nas suas relações, quer na família *“Estou a aprender a ser mais paciente... vai ajudar a minha estabilidade familiar”,* quer com os outros *“Sou mais comunicativa... mais responsável, mais animada e mais persistente”* *“Aprendi a analisar o que as pessoas dizem e a dar uma resposta”:* *“Aprendi a lidar com pessoas que não conheço, a pedir desculpa, a falar mais. Algo mudou na minha vida”, “Aprendi que quando alguém precisa de ajuda, uma simples conversa pode ajudar muito”.*

³³ A grande maioria das citações das formandas é tirada das entrevistas feitas depois dos estágios.

Aplicaram os seus novos conhecimentos no seu meio familiar, por exemplo os seus filhos *“Aprendi a ter paciência, a não bater mas a dar outro castigo, a falar com eles. Noto que estão mais contentes agora”* e também com outros familiares ou elas próprias *“Com o curso aprendi a compreender a doença da minha mãe e a minha (osteoporose e colesterol) e sei como tratá-las”*. Uma delas utilizou esta competência após o regresso à casa da sua mãe que foi hospitalizada.

Consideraram muito importante o apoio recebido de familiares ao longo do Curso.

Quando, nas entrevistas finais, as suas expectativas lhes foram lidas, algumas formandas se emocionaram, uma dela afirmando *“É isto tudo... é exactamente o que recebi do curso”*.

O seu balanço final era positivo a nível pessoal e tendo em vista o futuro, por terem conseguido atingir os objectivos do Curso e de ter lutado para isto. *“Teve repercussões sobre mim para ver a vida, criar oportunidades e interesse, abrir os olhos, levantar a auto estima e querer estudar o 12º”*. *“Tudo melhorou, com a família, a Associação, os amigos, as pessoas com as quais trabalho no dia a dia”*.

Faziam projectos de tirar a carta de condução, treinar o português, continuar a estudar. Algumas têm objectivos mais ambiciosos *“Quero ser uma grande mulher”*. Mas estavam conscientes que a sua luta deve continuar *“Vivo cada dia. Venço os obstáculos. Enfrentar o futuro é difícil”*.

6.3. Avaliação dos/as formadores/as e das orientadoras do estágio

Ao longo do ano, os/as formadores/as analisaram (e notaram nas fichas de avaliação) as aprendizagens das formandas. Notaram o seu potencial, as necessidades de estímulo, as dificuldades e facilidades de aquisição de conteúdos ou de interiorização de competências.

Todos/as formadores/as avaliaram de forma positiva a aplicação dos conhecimentos na prática, mesmo que, para algumas formandas, seja feita com alguma dificuldade³⁴. Consoante as áreas de formação, para algumas foi mediana (para formandas às quais faltavam bases). Para outras houve grandes melhorias ou facilidade, inclusive na qualidade dos conhecimentos adquiridos. As apreciações globais foram igualmente positivas.

Várias dificuldades pessoais durante a formação, como por exemplo uma gravidez de gémeos ou doenças contagiosas levaram algumas mulheres a faltar, o que prejudicou o seu aproveitamento. No entanto, mesmo para as que se defrontaram com maiores dificuldades, os objectivos foram considerados atingidos – e, na opinião de alguns/mas formadores/as acima do nível médio.

Os/as formadores/as sublinham não só a aquisição de competências pelas formandas como o seu crescimento pessoal e familiar, apesar do medo expresso por algumas de olharem para o passado. Acham que esta formação as fez mudar profundamente

³⁴ Por exemplo em inglês.

“Notaram-se diferenças muito grandes entre o início e o fim da formação. Este curso provocou grandes transformações nas pessoas³⁵”.

Os/as formadores/as notaram o respeito pelos outros, que foi evoluindo apesar da dificuldade do grupo em encontrar alguma coesão, por causa de conflitos entre algumas. Sublinham que as formandas puderam revelar as suas qualidades: criatividade, perseverança, empenho, respeito, vontade de fazer melhor, reconhecimento dos seus erros *“São agora pessoas diferentes, melhores, que evoluíram muito”*.

Perceberam as dificuldades iniciais das formandas *“Diziam que tinham tido muitos problemas na escola. Estavam agora a recuperar o tempo perdido”*. Notaram a evolução na motivação para aprender *“Foi notável a “vontade de aprender³⁶”, de saber mais para atingir um objectivo específico. “Ao longo do curso, passaram a querer saber por saber³⁷ Algumas se evidenciaram pela vontade de fazer melhor”*.

Dos locais de estágio, as informações recebidas das orientadoras ao longo da formação em contexto real de trabalho e no fim confirmaram estas aprendizagens³⁸. O desempenho das formandas foi classificado de “bom”, às vezes de “muito bom”, depois da fase de integração. As dificuldades apontadas se relacionaram com a integração de algumas formandas – às vezes ligada à sua dificuldade de comunicação – e sobretudo às faltas e atrasos de várias.

De todos os itens apontados durante as expectativas das formandas, pode-se considerar que em geral, a grande maioria foram trabalhados com resultados positivos. *“O aproveitamento está lá. Com o passar do tempo, vai passar. Foram trabalhados aspectos no início aos quais não davam importância e que agora reconhecem. Todas trabalharam com vontade e empenho, conforme as suas dificuldades. Por exemplo, passaram a pedir desculpa, a reconhecer os seus erros”*.

6.4. Conclusão

Os/as formadores/as constataram que um curso desta natureza, muito ambicioso pelo seu referencial, foi bem conseguido na sua organização, o que lhes permitiu desenvolver a sua actividade com sucesso.

Para todos os membros da equipa do projecto, tem sido interessante observar e verificar as aprendizagens conseguidas pelas formandas nos seus contactos durante as visitas, as actividades da formação, da Associação e nos estágios.

Notaram os crescimentos pessoais das formandas, a sua aquisição de competências a nível familiar, social e profissional e o seu reconhecimento pelas próprias formandas *“Estavam orgulhosas de terem conseguido ultrapassar todas as dificuldades e ter uma profissão”*.

³⁵ Uma formadora, na última reunião de formadores de 7/1/2005.

³⁶ Uma formadora, na última reunião de formadores de 7/1/2005.

³⁷ Uma formadora, na última reunião de formadores de 7/1/2005.

³⁸ Ver no ponto 4.2.

É necessário notar que o empenho da Associação foi determinante, tanto a nível da gestão³⁹ como na perspectiva da integração do projecto no contexto do bairro e nas actividades da Associação.

7. A gestão do projecto

A gestão do projecto foi assegurada pela mediadora e a coordenadora, apoiadas nos/as formadores/as com os/as quais reuniam uma vez por mês.

7.1. O papel da mediadora pessoal e social

À mediadora foi pedido [assegurar o recrutamento e selecção das formandas, o processo de reconhecimento e validação de competências prévias e o acompanhamento de todo o processo, incluindo os estágios. Também teve de “assegurar o acompanhamento e a orientação pessoal, social e pedagógica dos formandos⁴⁰”](#). Finalmente, [por ser mediadora da ACMJ, devia ser a “agente de interacção... que compreende realmente a vivência interna das comunidades exógenas à cultura das instituições formais, possa fazer as ligações entre professores e alunos, pais e instituições, pais e filhos, instituições e comunidade”⁴¹](#).

Três mediadoras sucederam-se no curso. Procuraram suscitar a colaboração activa de todos os intervenientes, promover o diálogo intercultural, estimular o respeito pelas diversidades culturais e sociais, participar nos processos educativos e na definição de estratégias de inserção social e profissional das formandas, facilitar a comunicação entre formadores/as, entre formandas e formadores/as e com [as orientadoras dos estágios e outros profissionais](#).

As responsabilidades das mediadoras foram várias: elas participaram no processo de selecção das formandas e dos/as formadores/as, acompanharam a elaboração do portefólio, o processo de RVCC, participaram também nas decisões sobre as competências adquiridas pelas formandas. Planificaram as sessões, negociaram tempos, procuraram locais de estágios, fizeram a avaliação com as formandas, com os/as formadores/as e com as orientadoras. Foram responsáveis pelas reuniões de formadores/as. Organizaram os dossiers do processo técnico-pedagógico.

Nas reuniões de avaliação mensal das formandas, a mediadora teve o apoio de uma perita de experiência da Associação, moradora do Bairro, que, exterior ao curso, tinha mais facilidade para perceber os conflitos.

Por razões pessoais, a 1ª mediadora interrompeu o seu contrato em Junho de 2004. Foi substituída durante cerca de 3 meses e em Setembro uma nova mediadora acompanhou o curso até ao fim.

³⁹ Ver a seguir.

⁴⁰ Cursos de Educação e Formação de Adultos – ANEFA.

⁴¹ “O Mediador Intercultural: um agente de interacção – Relatório de avaliação de um curso de formação”; Manuela Marinho e Inês Amaro, Lisboa 2000. Ver também o Anexo nº 6 – O Mediador Pessoal e Social.

Jovem, de origem cabo-verdiana, a primeira mediadora do curso revelou-se muito próxima das formandas, ajudando-as nas suas aprendizagens. Trabalhou para a integração das formandas, individualmente e colectivamente no processo de formação. *“Fazia de mãe e de irmã ao mesmo tempo, e de amiga... o que era positivo (porque) no grupo as relações interpessoais eram difíceis”*⁴². Conhecendo pessoalmente cada uma delas, foi-lhe possível acompanhá-las tanto a nível familiar e social que na sua aprendizagem. Teve um papel fundamental. É *“uma pessoa com quem podemos contar”* dizia uma formanda. Ela própria reconheceu o valor deste trabalho: *“É gratificante trabalhar no projecto. Aprendo muito”*.⁴³

Quer pelos laços pessoais que conseguiu estabelecer com as formandas, quer pelo seu envolvimento profissional, a sua partida por motivos pessoais foi muito dificilmente aceite pelas formandas – o que se manifestou por uma tensão muito grande no grupo e um forte aumento de dificuldades entre elas. A mediadora que preencheu o seu lugar não foi capaz de assumir o seu papel, nem de se fazer aceitar das formandas para as quais a sua saída, após 3 meses, foi considerada como um alívio. A mediadora que lhe sucedeu encontrou um grupo dividido, formadores/as mais isolados/as, preocupados/as em gerir o melhor possível a situação nas suas sessões. A multiplicação de contactos individuais e colectivos com as formandas e os/as formadores/as permitiu aliviar as tensões para terminar a formação e preparar os estágios. As formandas estavam, nos últimos meses, muito cansadas e pode-se considerar que será em parte devido à questão das mudanças na mediação.

O papel da mediadora revelou-se de extrema importância neste curso. Pelo que as mudanças provocadas pela sucessão de mediadoras foram difíceis de gerir quer a nível da equipa pedagógica, quer a nível das formandas.

A sala de formação encontrava-se no centro do Bairro, afastada da sede da Associação onde trabalhava a mediadora. Este afastamento físico foi em parte compensado pelas frequentes idas da mediadora à sala de formação e pelas deslocações das formandas e formadores/as para a sede da Associação. No entanto, teria sido facilitador da comunicação que a mediadora estivesse mais próxima das formandas, no local de formação.

7.2. O papel da equipa pedagógica

A equipa pedagógica era constituída dos/as formadores/as, da mediadora e da coordenadora. Reunia mensalmente para analisar a situação, planear e coordenar objectivos, conteúdos e actividades. Estas reuniões revelaram-se muito importantes para a organização e coordenação do curso e para a interligação entre formadores/as e mediadora.

Representantes das formandas foram sempre convidadas a participar nestas reuniões. Era-lhes dado mais uma oportunidade de formular as suas críticas, em nome das suas colegas: era uma introdução da democracia na prática da formação. A sua presença enriqueceu estas reuniões e as próprias formandas estavam conscientes deste facto: *“É bom estar nas reuniões para dizer tudo o que temos para dizer”*. No entanto a sua presença não era regular.

⁴² Entrevista a uma formadora.

⁴³ Entrevista com uma Mediadora, Julho 2004.

Nestas reuniões os participantes analisavam as situações individuais e colectivas das formandas, discutiam os planos pedagógicos, propunham ideias para trabalhar o tema de vida e de metodologias activas que poderiam ser utilizadas.

A comunicação com os/as formadores/as foi fundamental para o acompanhamento do curso e procurada ao longo do ano “*A relação com os formadores é boa*”.

A participação dos/as formadores/as nas reuniões era obrigatória. No entanto houve sempre faltas, o que prejudicou a interligação.

Seria necessário um trabalho mais coordenado com os/as formadores/as de levantamento dos problemas, de análise, de procura de soluções – que passam por uma maior transmissão de informações e de comunicação e uma maior participação nas reuniões.

A interligação – trabalho complementar dos/as formadores/as com a mediação

A interligação entre módulos é fundamental para as formandas conseguirem aplicar os conhecimentos na prática – condição para que os objectivos sejam considerados atingidos. Esta interligação deve passar pela implementação coordenada entre formadores/as de actividades práticas, activas. Como foi analisada em reunião “nas suas avaliações as formandas referem-se apenas às actividades práticas quando falam sobre o que aprenderam”⁴⁴.

Esta interligação não deve ser feita somente para os conteúdos mas também para os comportamentos, incluindo as questões de assiduidade e pontualidade. Para estas foi reconhecida a necessidade de um grande rigor e homogeneidade dos/as formadores/as desde o início do curso.

Os/as formadores/as consideraram que o trabalho comum teve oportunidade de se desenvolver ao longo do tratamento do tema de vida “Saúde”, de “articulação do módulo com os restantes”. A experiência era nova para uma parte deles. Exigiu aproximar-se dos/as formadores/as e desenvolver a comunicação para coordenar conteúdos e actividades. No entanto, constatou-se tiveram mais o carácter de colaborações entre 2 a 3 formadores/as, às vezes pontuais. Nalgumas áreas como a língua estrangeira foi mais difícil intrusar por causa do nível baixo das formandas. Para a preparação das exposições desenvolveram mais colaborações. Noutras situações tratou-se de aceitar trabalhar segundo tarefas enviadas de outros/as formadores/as, como por exemplo passar à mão ou a computador textos ou relatórios, fazer pesquisa na Internet, trabalhar as estatísticas de inquéritos para formadores/as doutro módulo. Foi reconhecido unanimemente que teria sido possível fazer melhor.

7.3. O/a professor/a / o/a formador/a

Quer pela natureza do curso, quer pelo público-alvo, a maioria dos/as formadores/as foram descobrindo novas dimensões: “*É a primeira vez que dou formação a este tipo de público*” dizia um formador.

⁴⁴ Acta da 2ª reunião da equipa pedagógica, 6/1/2004.

Procuraram oferecer a sua experiência, saber e saber fazer, seguindo a definição do formador “um profissional que, na realização de uma acção de formação, estabelece uma relação pedagógica com os formandos, favorecendo a aquisição de conhecimentos e competências, bem como o desenvolvimento de atitudes e formas de comportamento, adequados ao desempenho profissional”⁴⁵.

Valorizaram o enriquecimento pessoal e profissional que lhe foi facultado: “*Foi uma experiência pessoal muito enriquecedora. Gosto muito trabalhar com este grupo. Tive também uma evolução pessoal*”. “*Um grupo difícil que leva ao desafio. Dão-nos muita coisa em troca. Aproveitam tudo o que nós trazemos*”.

No entanto, vários aspectos foram detectados ao longo das observações e transmitidos em reuniões, nomeadamente aos “professores” das áreas de formação de base com vários anos de experiência no ensino mais tradicional como, por exemplo: tendência para os métodos expositivos, dirigir-se apenas a uma parte do grupo mais participativa, dificuldade na utilização da experiência das formandas, nas discussões de grande grupo, na gestão de trabalhos de grupo. Estes/as formadores/as tinham facilidade nas aprendizagens de conhecimentos ou de saber fazer e dificuldade no aprender a conhecer, aprender a viver juntos e aprender a ser. Pelo que a aquisição de competência entendida como “capacidade de conseguir agir e reagir perante as situações” implicando o aprender a aprender nas suas quatro vertentes tem sido, por estes, difícil.

Podemos questionar o critério de recrutar professores do ensino para as áreas de competência chave: são pessoas habituadas ao longo de muitos anos a “dar as aulas”, transmitir conteúdos tendo em vista a necessidade de os seus alunos adquirirem novos conhecimentos sobre os quais serão interrogados. A escola, por enquanto, continua com metodologias tradicionais para ensinar conhecimentos, contraditórias com a pedagogia procurada nos cursos EFA. A exigência de metodologias activas que trabalhem temas de vida de maneira pluridisciplinar em equipas pedagógicas, com ligação ao contexto das formandas, viradas para as 4 vertentes do Aprender é pouco compatível com a metodologia de ensino actual. A experiência da pedagogia dos cursos EFA poderia ser utilizada para influenciar positivamente os professores do ensino escolar.

Em entrevistas com os/as formadores/as, alguns sugeriram que fossem exigidos/as professores/as para as áreas de Matemática para a vida e Linguagem e Comunicação – o que poderá facilitar a certificação final com equivalência ao 9º ano, mas que seja dada prioridade a formadores/as experimentados/as para as restantes áreas, incluindo Cidadania e Empregabilidade, Inglês e Tecnologias de Informação e Comunicação.

7.4. Organização da formação

O ritmo de formação preparado num calendário dado previamente às formandas favoreceu a sua própria organização. Foi interessante ver como esta prática se foi instalando, provocando a sua necessidade – as formandas reclamando o calendário logo que havia algum atraso nesta entrega.

As tranches de 3 horas formação por área, às vezes de 6 horas, organizadas assim a pedido dos/as formadores/as revelaram-se proveitosas para este grupo de formandas.

⁴⁵ Decreto Regulamentar nº 66/94, de 19 Novembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto Regulamentar nº 26/97, de 18 de Junho.

Permitiram aos/as formadores/as criar um espaço inicial e apresentar os seus objectivos para a sessão, “reentrar” nos conteúdos, consolidar as aprendizagens, utilizar metodologias activas para a aquisição de novos conhecimentos e comportamentos.

Os tempos de formação profissionalizante foram sendo renegociados com a mediadora em função das aprendizagens. Esta flexibilidade foi importante e a maioria dos/as formadores/as consideram que os tempos foram suficientes para os conteúdos que deram. Os/as formadores/as preocuparam-se em fornecer bases sólidas de aprendizagens às formandas, em vez de procurar trabalhar exaustivamente os conteúdos propostos nas unidades de formação.

A duração e organização da formação em contexto real de trabalho poderiam ser revistos, com o seu prolongamento no tempo e divisão em 2 partes – sendo que uma parte do estágio poderia ser feita antes do fim da formação em sala.

Alguns/mas formadores/as fizeram propostas de modificações como:

- O aumento de tempo para “Animação e lazer”,
- No módulo “Confecção e serviço de refeições” sugeriram dedicar menos tempo à confecção de cozinhados para se poder dar mais tempo ao tratamento das pessoas,
- No módulo “Atendimento e recepção” defenderam a opção de aprofundar os valores e as relações interpessoais.

Os instrumentos da formação

A mediadora preparou um certo número de instrumentos para aos/as formadores/as e as responsáveis de estágio preencher, que facilitavam o acompanhamento da formação.

Tanto as fichas de acompanhamento/grelhas de avaliação como as fichas de avaliação dos estágios foram preenchidos sistematicamente pelas responsáveis.

Para a formação em sala, os formadores deviam entregar sistematicamente todos os seus planos de sessão, nos quais deviam ser indicados, entre outros, os critérios de evidência trabalhados na sessão e a grelha de actividades correspondente a cada critério⁴⁶. Este plano de sessão devia ser muito concreto a fim de permitir um acompanhamento do realizado e estar acompanhado de todos os exercícios e outros documentos utilizados.

Uma auto-avaliação mensal devia ser feita pelos/as formadores/as, segundo um modelo entregue questionando:

- A receptividade das formandas aos temas e conteúdos,
- As metodologias que permitem o salto qualitativo das formandas,
- A articulação com os restantes módulos,
- A avaliação do desempenho do formador (com 12 critérios),
- As alterações a fazer,
- Sugestões e críticas.

A mediadora preparou também fichas para a avaliação intermédia e a avaliação final das formandas acerca do seu interesse, participação, aplicação dos conhecimentos na prática/situações concretas, sentido de responsabilidade no cumprimento das

⁴⁶ Acta de reunião nº 3.

actividades, relações com as colegas e formador/a, assiduidade e pontualidade, destrezas e competências, e, apreciação global.

Na prática, foi difícil obter todos estes documentos dos/as formadores/as. Eles/elas levantaram a questão do tempo acrescido de preparação das sessões por causa do tema de vida e da necessária interligação com os/as restantes formadores/as, tempo muito maior que nas formações habituais.

Os planos de sessão entregues eram úteis para seguir os passos da formação. No entanto, o seu conteúdo estava às vezes pouco claro, com a apresentação de vários critérios de evidência que não tinham expressão concreta nas actividades propostas, nem sempre em sessões observadas.

Uma parte dos/as os formadores/as preenchia os restantes documentos, em particular as suas auto-avaliações. Nas auto-avaliações constatou-se que havia pouca informação sobre o que seria importante ou necessário alterar. De maneira geral, os/as formadores/as tinham dificuldade em falar ou escrever sobre eles próprios.

Estes documentos parecem-nos importantes. Poderia ser feita uma discussão aprofundada sobre os seus objectivos numa primeira reunião de um novo curso com vista a torna-los mais operacionais – nomeadamente utilizando a análise dos seus conteúdos para a preparação das reuniões de formadores/as.

CONCLUSÃO

“Todo o tempo é de aprender
Desde a hora de nascer
Até que a vida se acabe”

António Gedeão

Num contexto de desequilíbrio entre as necessidades em mão-de-obra e a reestruturação do aparelho produtivo que tende à exclusão dos menos qualificados, um curso desta natureza e que responde a necessidades locais, é particularmente relevante.

É um curso ambicioso que permite dar a formandas que deixaram a escola há muito tempo competências que lhes vão permitir atingir o nível 2 e ter equivalência com o 9º ano. É também complexo e englobante porque não se limita a uma formação individual. Requer uma abordagem colectiva e global das formandas no seu contexto de vida privada, social e profissional.

Baseado no conceito de competências de vida “que permitem às pessoas compreender e participar na sociedade de conhecimento⁴⁷”, este curso coloca um novo desafio a todos os actores. Levou as formandas a desenvolver o espírito crítico, numa aprendizagem da convivialidade e formação de cidadãs solidárias, para que quando saem do curso possam “ler o mundo” e agir com lucidez, conhecendo os desafios e riscos, requerendo a sua participação activa e criativa. (Re)-conheceram o valor da aprendizagem, mantendo a sua motivação até ao fim, não desistindo apesar das dificuldades, esforçaram-se, aceitaram desafios, algumas querem continuar a estudar.

A estratégia de formação a utilizar, das “competências dos saberes na acção e para a acção” obrigou os/as formadores/as a questionar a sua prática e adaptá-la ou reformulá-la. Exigiu dos formadores uma intensa preparação de cada módulo / sessão, a definição de objectivos muito claros para cada um, para o grupo em geral e para cada formanda em particular. Requereu metodologias activas, uma grande adaptação ao ritmo de cada uma e do grupo, flexibilidade. Exigiu a introdução do tema de vida nos conteúdos previstos, e um trabalho coordenado [entre os/as formadores/as, as orientadoras de estágio](#) e a mediadora.

A Associação tomou iniciativas e apresentou propostas que permitiram ligar a formação à realidade do bairro, à sua população e a outros projectos e actividades da Associação. Contribuiu para as formandas (re)“encontrarem um sentido à sua vida e actuarem no mundo que as rodeia⁴⁸”.

Foi criado um projecto de trabalho com as formandas no seu contexto do bairro, da Associação, de instituições privadas e públicas. Os/as formadores/as empenharam-se numa abordagem globalizante. “*Este curso permite trabalhar com as experiências de vida e os conhecimentos das formandas*”⁴⁹. Foi notável o empenho das formandas quer nos conhecimentos mais teóricos, quer nas aprendizagens dos saber fazer e saber estar.

⁴⁷ “Referencial de competências-chave, Educação e formação de adultos”, Anefa 2001.

⁴⁸ Adaptado de “Competências-chave – Projecto ARKS”, Prue Pullen, Saber + caderno nº 2, 2000.

⁴⁹ Uma formadora, na última reunião de formadores de 7/1/2005.

O trabalho da equipa, com as formandas, permitiu às formandas percorrer o seu processo de formação chegando ao estágio fortemente motivadas e empenhadas para pôr em prática as suas aprendizagens.

Foram detectados factores que permitiriam a inversão de algumas situações, trocando certezas por interrogações e interrogações por soluções. O processo não foi linear. Variou no tempo e em função dos/as formadores/as e das mediadoras.

O estágio que decorreu e a possibilidade de profissionalização das formandas reforçam os resultados positivos da formação em sala, constituindo um encorajamento para todos/as.

RECOMENDAÇÕES

Ao longo do relatório foram apresentados os avanços do curso, sucessos e dificuldades, e feitas propostas. Foram destacadas as dificuldades ligadas ao contexto em que se insere devido às características do bairro. Alguns aspectos precisam ser reflectidos para próximos cursos.

Vários autores designaram os Cursos EFA como projectos de investigação-acção⁵⁰. Com efeito, pela sua definição exigem um investimento específico dos/as formadores/as, quer individualmente, quer em equipa. Devem orientar o seu trabalho em função de competências e critérios de evidência e/ou de objectivos que necessitam ser reformulados em função não só do grupo de formandas, mas também do tema de vida, de maneira interligada, complementar e com metodologias activas. Ao longo da formação, as acções devem ser analisadas e avaliadas em função de todo o processo. O acompanhamento técnico feito pela DGFV não é suficiente para uma tão grande mudança de paradigma na formação. Devia ser precedido de uma formação da equipa, em moldes a encontrar para cada curso.

Os módulos de formação de base exigem dos/as formadores competências novas que geralmente os professores não tiveram oportunidade de adquirir. Os seus programas são definidos em módulos de competências sub-divididos por critérios de evidência, para serem trabalhados num tema de vida comum a todos os módulos e com metodologias activas. Questiona-se o critério de recrutamento de professores para estas áreas para os cursos EFA.

O módulo “Cidadania e Empregabilidade” tal como é proposto deveria ser considerado transversal – e tratado como tal. Precisa de um/a formador/a de grande experiência de trabalho com populações “marginalizadas” e capaz de trabalhar atitudes e valores em coordenação com os restantes formadores.

A equipa pedagógica tem um papel fundamental a desempenhar, não só junto das formandas mas também no trabalho colectivo e integrado dos/as formadores/as e da mediadora. A equipa precisa reunir mais vezes, sobretudo na fase inicial de reconstrução colectiva do curso e ter a participação activa de todos/as os formadores/as.

⁵⁰ Ver por exemplo Inácio Nogueira “Projecto EFA: enquadramento(s), centralidade(s) e reflexões em torno do seu modelo teórico”, Saber + caderno nº7, 2000.

Apesar de serem consumidoras de tempo considerado “burocrático” por alguns/as, as auto-avaliações escritas dos/as formadores/as constituem um dos elementos para eles/as próprios/as e a equipa reflectirem sobre o processo de formação numa perspectiva de investigação acção. As avaliações e auto-avaliações das formandas⁵¹ e dos/as formadores/as⁵² são determinantes para a reflexão da equipa sobre o processo em curso. Deveriam ser apresentados sistematicamente na reunião da equipa pedagógica⁵³.

Numa reunião de 2003, a equipa pedagógica tinha proposto um “conselho de grupo” com o objectivo de propor ideias, actividades alternativas, e também resolver conflitos. Esta ideia deveria ser retomada num futuro curso EFA.

As visitas e os estágios permitiram às formandas testar as suas aprendizagens, [o que foi bem conseguido](#).

Pode concluir-se que globalmente este Curso respondeu aos objectivos formulados. Poderia ter interesse procurar outras experiências de cursos EFA para comparar programas e metodologias, dificuldades e sucessos, resultados esperados e obtidos.

⁵¹ Escritas.

⁵² Oraís no que se refere às suas auto-avaliações.

⁵³ Foi o caso das avaliações e auto-avaliações das formandas, até à mudança de mediadoras.

ANEXOS

1. Grelha de observações
2. Guião de entrevista à mediadora
3. Tópicos para reuniões com os formadores
4. Guião de entrevistas às formandas
5. Locais de estágio
6. O mediador pessoal e social

ANEXO Nº 1

GRELHA DE OBSERVAÇÕES

Esta grelha baseia-se na Ficha: “Formação de Assistentes Familiares e de Apoio à Comunidade – Cursos de Educação e Formação de Adultos – Acompanhamento – Registo do Processo”.

1. Os objectivos da sessão
2. Os procedimentos
(metodologia de intervenção utilizada pelo/a formador/a)
3. Os aspectos facilitadores
4. Os aspectos constrangedores
5. Os resultados da sessão
6. Outras observações

ANEXO Nº 2

GUIÃO DE ENTREVISTA À MEDIADORA

1. **Situação no início do projecto** – caracterização da situação das mulheres
 - 1.1. Porque é que estas mulheres estiveram em formação
 - 1.2. Evolução das motivações / das suas características pessoais, familiares e /ou profissionais

2. **Implicações da formação na sua vida pessoal e familiar**
 - 2.1. A relação das formandas com os filhos, as práticas dos filhos, a integração dos filhos
 - 2.2. A sua relação com o marido/companheiro, os pais, os familiares com os quais vive
 - 2.3. A sua relação com as vizinhas, o Bairro, as instituições às quais recorrem (escola, centro de saúde, banco, correios, câmara, junta, CRSS)
 - 2.4. O significado da sua participação em diversas actividades fora do bairro
 - 2.5. Aspectos relevantes de alteração na vida pessoal e familiar das formandas – Causas destas alterações
 - 2.6. Mudanças entre a associação e o bairro / e estas instituições vindas desta formação

3. **Implicações da formação na vida económica das formandas**
 - 3.1. Recebimentos ligados à formação – bolsa, para creches...
 - 3.2. Mudanças de nível de vida desde o início da formação
 - 3.3. Implicações sobre a família (filhos, marido, pais, outros familiares)
 - 3.4. Perspectivas de futuro para a sua vida económica
 - 3.5. Capacidade crítica na reflexão sobre o significado do trabalho para elas como para a sociedade (cidadania)

4. **Aberturas graças à formação**
 - 4.1. Formação de base
 - 4.2. Formação profissionalizante

5. **Implicações previstas da formação na sua vida profissional** – perspectivas de futuro com a formação
 - 5.1. Quais emprego, onde, natureza...

6. **Papel da coordenação**
 - 6.1. Visão global do projecto e da sua evolução
 - 6.2. Ligação com as formandas, os formadores, a associação e entre estes
 - 6.3. Avaliação dos resultados relativamente ao projecto, às formandas, aos formadores, à associação

7. **Balanço : Os objectivos do projecto**
 - 7.1. Serão atingidos? Porque? como? Que fazer?
 - 7.2. Quais são os seus factores de motivação como coordenadora? De desmotivação?
 - 7.3. Satisfação das formandas?
 - 7.4. Satisfação do/das formador/as ?

ANEXO Nº 3

TÓPICOS PARA REUNIÕES COM OS FORMADORES

1. Situação das formandas no início do ano
2. Implicação da formação na vida pessoal e familiar das formandas
Dos formadores
Resultado da formação sobre a sua vida pessoal e familiar
3. Implicação do curso na sua vida profissional – aquisição de competências
Resultados da formação sobre a sua vida profissional
4. Implicação da metodologia utilizada na formação sobre a vida pessoal e profissional das formandas
5. Significado para os formadores
6. A metodologia utilizada pelo curso EFA
 - a. Como lidar com competências / indicadores / propostas
 - b. Exigências de preparação / plano de sessão
 - c. Como lidar com o tema de vida
 - d. Como praticar a complementaridade entre formadores
 - e. O professor / o formador
 - f. Papel da equipa pedagógica / da coordenação da Associação
 - g. Aspectos facilitadores
 - h. Dificuldades
 - i. Interessante

Propostas de modificações / adaptações

1. Calendário, ritmo, organograma
2. Conteúdos
3. Metodologia
4. Organização, reuniões, papel da coordenação
5. Interligação

ANEXO Nº 4

GUIÃO DE ENTREVISTA FINAL ÀS FORMANDAS

SITUAÇÃO INICIAL E FINAL

1. Portfólio
2. Situação final da formanda

O ESTÁGIO

1. O trabalho, desempenho
2. Aplicação de saberes
3. Aspectos facilitadores
4. Dificuldades
5. Interessante
6. Propostas de modificações

EM RESUMO RELATIVAMENTE A ESTES QUASE 2 ANOS:

1. Na vida profissional: Implicação do curso na sua vida profissional – aquisição de competências, projectos profissionais.
2. Na vida social
3. Na vida pessoal: Implicação e resultados da formação/do estágio na sua vida pessoal e familiar

ANEXO Nº 5

LOCAIS DE ESTÁGIO

- Hospital Amadora – Sintra, na Amadora
- Associação de Socorros Médicos “O Vigilante”, na Amadora
- AFID – Centro social e de Reabilitação do Zambujal, no Bairro do Zambujal
- S.C.M. Amadora – Lar da Sagrada Família, na Cova da Moura
- S.C.M. Amadora – Creche de S. Francisco, na Cova da Moura
- Centro infantil S. José, no Bairro do Zambujal
- Associação Unitária de Reformados e Pensionistas e Idosos da Falagueira, na Amadora

ANEXO Nº 6

O MEDIADOR PESSOAL E SOCIAL⁵⁴

“Profissional que, no âmbito dos Cursos EFA, intervém no processo de recrutamento e selecção dos formandos, conduz o processo de Reconhecimento e Validação de Competências, orienta o módulo Aprender com Autonomia e assegura a monitoragem da área de competências-chave Cidadania e Empregabilidade. Este profissional deve ainda assegurar o acompanhamento e a orientação pessoal, social e pedagógica dos formandos, assim como a articulação entre estes e a equipa pedagógica”.

“Um mediador que acompanhe o processo desde a fase de recrutamento e selecção dos formandos, restabeleça as redes de relações interpessoais, sociais e profissionais, promova a confiança e auto-estima, acompanhe e apoie cada um dos formandos no seu percurso de educação-formação e oriente a (re)definição do seu projecto pessoal, social e profissional.

⁵⁴ Definição do Mediador dos Cursos EFA.